

MATO GROSSO E AS FÔRÇAS ARMADAS

Ten-Cel OCTAVIO PEREIRA DA COSTA
Oficial de Estado-Maior

Conferência pronunciada em 18 de junho de 1965, em Campo Grande, quando da viagem de estudos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) ao Estado de Mato Grosso.

“Mal-aventurados os lúcidos porque possuirão a realidade.”

“Mal-aventurados os que desejam a paz e a ordem, porque assistirão a turbulência crescente e verão a desordem se alastrando em tóda a parte.”

“Mal-aventurados os que amam a justiça, porque serão feridos e ofendidos todos os dias pela injustiça.”

“Mal-aventurados os que nasceram com o duro e difícil amor à Pátria, porque serão acusados de reacionários e apontados à execração pública e sofrerão ofensas e testemunharão atentados a tudo o que veneram.”

“Mal-aventurados os que amam a verdade, porque surgiram neste mundo numa hora polêmica e de indiferença à verdade e em que se instiuiu o culto à mentira e à deformação.”

“Mal-aventurados os bem intencionados, porque serão mal julgados e suas palavras serão deformadas pelos intérpretes e serão enlameados pela grosseria dos demagogos e mistificadores.”

.....
“Mal-aventurados os lógicos, os que têm necessidade de hierarquia, os que precisam de métodos para respirar, porque nasceram numa hora de surpresa, sob o signo do absurdo, numa época de inversão de valores, em que nada se processa com segurança e em ritmo tranqüilo e justo e certo.”
.....

O poeta — a quem Deus não dá somente o dom de sentir o seu tempo e interpretar o seu povo, mas o de antever o futuro — assim sentia e antevia, naqueles instantes de março de 1962, o caos que se avizinhava. Era o começo da desordem, da turbulência, da injustiça, da deformação, da demagogia e da mistificação, que o poeta anunciava nas suas mal-aventuranças.

Depois viria o pior, que todos testemunhantes, que todos sentimos na própria carne. O pior, que ninguém, de consciência tranqüila, poderá negar perante Deus e os homens.

Viriam o desgoverno e a falência da autoridade. O incentivo oficial à luta de classes. A estratégia das pressões e das intimidações. Os ministros desautorados, traídos, vendidos e vilipendiados. A comunicação à justiça com as próprias mãos. A desmoralização e o cerco do Congresso. A exploração da miséria, da fome, do analfabetismo e da doença. A chantagem e a chicana internacionais, vividas nos extremos da traição e tôdas as tradições e a todos os compromissos e a subserviência do pires na mão. Os ministérios de semanas ou dias, com os ministros desautorados, traídos, vendidos e vilipendiados. A comunicação da cultura, da cartilha à "história nova", do jornal ao livro de ficção, do professor secundário ao pensador católico. A "milagrosa" campanha de alfabetização. Os centros populares de cultura. A corrupção dos grêmios estudantis. O desvirtuamento das generosas energias da mocidade. A malversação do dinheiro do povo. O enriquecimento ilícito e despudorado. O achincalhe da moeda. O paroxismo inflacionário. O aviltamento da bandeira e da aspiração reformistas. A pregação oficial da violência e do ódio. O esfacelamento da disciplina. O incitamento de empregados contra empregadores, de inquilinos contra proprietários, de camponeses contra ruralistas, de assalariados contra empresários, de sargentos contra oficiais, de marujos contra aviadores, de brasileiros contra alienígenas, de civis contra militares, do campo contra a cidade, do nordeste contra o sul, dos moços contra os velhos, e até mesmo dos filhos contra os próprios pais. E como atos capitais: a rebelião de Brasília, o comício do dia treze, a paixão da Marinha de Guerra e a transformação do Automóvel Clube numa nova cervejaria, na comprovação de que os totalitarismos, por mais antagônicos, se identificam nos mesmos processos e nos mesmos fins.

Para vos lembrar êsse caos de dois anos depois, dos idos de março de 1964, não vos traremos de volta o poeta das mal-aventuranças, com o seu sentimento e a sua intuição, mas nos valeremos da palavra imperativa do editorialista do "Correio da Manhã", nos últimos instantes do que êle chamaria de "episódio mais inglório da história republicana do Brasil".

Relembrei estas palavras históricas escritas a 31 de março, na primeira página desse matutino carioca, ao arrepio da fala presidencial aos sargentos e suboficiais.

"Basta! Até que ponto o Presidente da República abusará da paciência da nação? Até que ponto pretende tomar para si, por meio de decretos-leis a função do Poder Legislativo? Até que ponto contribuirá para preservar o clima de intranqüilidade e insegurança que se verifica presentemente na classe produtora? Até quando deseja levar ao desespero por meio da inflação e do aumento do custo de vida, a classe média e a classe operária? Até quando quer desagregar as Forças Armadas por meio da indisciplina que se torna cada vez mais incontrolável?"

"Não é possível continuar nesse caos em todos os sentidos e em todos os setores. Tanto no lado administrativo, como no lado econômico e financeiro."

"Basta de farsa. Basta de guerra psicológica que o próprio governo desencadeou com o objetivo de convulsionar o país, e levar avante a sua política continuísta. Basta de demagogia, para que realmente se possam fazer as reformas de base" (...)

(...) "Não é tolerável esta situação calamitosa provocada artificialmente pelo governo que estabeleceu a desordem generalizada, desordem esta que cresce em ritmo acelerado e ameaça sufocar tôdas as forças vivas do país".

"Não contente de intranqüilizar o campo, com o decreto da SUPRA, agitando igualmente os proprietários e os camponeses, de desvirtuar a finalidade dos sindicatos, cuja missão é a das reivindicações da classe, agora estende a sua ação deformadora às Fôrças Armadas, destruindo de cima para baixo a hierarquia e a disciplina, o que põe em perigo o regime e a Segurança Nacional."

Escutai, agora, palavras do mesmo "Correio da Manhã", na madrugada angustiosa de 1 de abril, quando a nação ainda estava à beira do abismo:

"O art. 83, parágrafo único: o Presidente da República prestará no ato da posse este compromisso: Prometo manter, defender e cumprir a Constituição da República, observar as suas leis, promover o bem geral do Brasil, sustentar-lhe a união, a integridade e a independência."

"Este foi o juramento prestado pelo Sr. JOÃO GOULART, no dia 7 de setembro de 1961, perante o Congresso Nacional."

"Jurou e não cumpriu."

"Não é mais Presidente da República."

"Fora!"

"A nação não mais suporta a permanência do Sr. JOÃO GOULART à frente do governo. Chegou ao limite final a capacidade de tolerá-lo por mais tempo. Não resta outra saída ao Sr. JOÃO GOULART senão a de entregar o governo ao seu legítimo sucessor."

"Só há uma coisa a dizer ao Sr. JOÃO GOULART: saia!"

"Durante 2 anos o Brasil agüentou um governo que paralisou o seu desenvolvimento, primando pela completa omissão, o que determinou a completa desordem e a completa anarquia no campo administrativo e financeiro."

"Quando o Sr. JOÃO GOULART saiu do seu neutro período de omissão, foi para comandar a guerra psicológica e criar o clima de intranqüilidade e de insegurança que teve seu auge na total indisciplina que se verificou nas Fôrças Armadas."

“Isso significou e significa um crime de alta traição contra o regime, contra a República, que êle jurou defender.”

“O Sr. JOÃO GOULART iniciou a sedição no país. Não é possível continuar no poder.”

...oOo...

Na oportunidade em que a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, em viagem de estudos ao Estado de Mato Grosso, é recebida pela hospitaleira cidade de Campo Grande, julgou o seu comandante — o General-de-Brigada JOÃO BINA MACHADO — indispensável trazer ao povo mato-grossense a homenagem da Escola e, por que não dizer, do Exército e das Fôrças Armadas. Este é e tem sido um caminho para a identificação, para o diálogo e para a maior compreensão entre a pequena parcela do povo fardado — que vive e morre empenhado nas tarefas da segurança nacional — e a grande maioria da gente de todos êsses Brasis que, procurando realizar o seu próprio destino, luta pelo desenvolvimento do país. Segurança e desenvolvimento que são os pilares do bem-estar social da nação brasileira. Daí a razão de ser dêste contato, daí estas palavras que dirigíamos, reverenciosamente, ao povo progressista desta cidade e dêste Estado, abordando o tema “Mato Grosso e as Fôrças Armadas”.

Com aquelas “mal-aventuranças” e êsse “basta” e êsse “fora!” não quisemos apenas criar o impacto da recordação pungente, mas, também situar uma das três ocasiões históricas em que mais marcantemente povo e Fôrças Armadas foram, na terra mato-grossense, uma só coisa.

Bem sabemos do admirável exemplo da União Campo-grandense deliberadamente, se levava a discórdia à cidade e ao campo.

Bem sabemos do desassombro da mulher mato-grossense, aglutinando-se nas primeiras linhas para enfrentar a borrasca. E saindo do lar para protestar nas ruas.

Bem sabemos do admirável, exemplo da União Campo-grandense de Estudantes, que não se deixou contaminar pelo processo de massificação da juventude. Bem sabemos das tentações a que foi submetida para se deixar atrelar aos gêos da subversão.

Bem sabemos da atitude ordeira e pacífica da imensa maioria dos trabalhadores do campo e dos ferroviários da Noroeste.

Bem sabemos das canseiras e vigílias dos abnegados da Ação Democrática Mato-grossense, que se arremeteram para, se preciso fôsse, enfrentar e vencer o comunismo de armas na mão.

Bem sabemos da opção do povo de Mato Grosso na encruzilhada de 31 de março de 1964 e da sua contribuição para que, sem sangue e sem tardança, se evitasse a guerra fratricida em que mergulhavam a nação. E sabemos do apoio que destes às guarnições militares sediadas em vosso território, indispensável ao cumprimento de difíceis missões.

Bem sabemos, ainda, que o soldado mato-grossense, precisamente o soldado cuiabano, realizou, em poucas horas e com perfeição, o mais notável movimento de tropa desse episódio, marchando sobre Brasília para assegurar a vitória da causa democrática.

Nada mais fizestes, porém, que confirmar a vossa secular vocação patriótica.

Assim foi há cem anos, quando o invasor talou os vossos campos, ceifou as vossas messes e umedeceu as vossas campainas, com o seu e o sangue dos vossos antepassados. A vossa epopéia foi, então, a grande epopéia do povo brasileiro.

Embora as sombras do século já tenham sepultado incompreensões e ressentimentos de dois povos desavindos na busca dos melhores caminhos para encontrar os seus destinos, ainda está bem viva a memória do vosso heroísmo e perceptível a alma indômita do Mato Grosso soldado.

Cedo o vosso coração esqueceu os agravos e se tornou até mais sensível às identidades com o heróico povo guarani. Hoje, as cidades gêmeas e as famílias comuns, afirmam que somos uma só comunidade na comunhão da paz e do trabalho.

Assim foi também há um quarto de século, quando, pela primeira vez, a questão ideológica conflagrou a humanidade. Era o totalitarismo nazista que, surgindo na Europa, como antítese do totalitarismo comunista, se afirmava mais odioso e sanguinário, pois, igual a seu pólo oponente, considerava o homem o meio e não o fim de todas as coisas, além de que se baseava na concepção da superioridade racial e preconizava o extermínio de uma raça. E vistas como, em apenas doze anos, o líder carismático do nazismo levantou seu país da depressão, levou-o ao fastígio, à guerra e à total destruição.

Bem lembramos de vossa comoção e de vossa revolta, uma geração atrás, quando os submarinos nazistas torpedeavam os nossos navios mercantes nas tarefas de paz.

Bem lembramos do clamor do povo nas ruas exigindo, do governo ditatorial, a nossa definição ao lado da democracia.

Bem lembramos do notável apoio que Mato Grosso deu à organização da Força Expedicionária Brasileira.

Bem lembramos que, no vale do Aquidauana, a mocidade desta terra formou uma de suas melhores unidades, a que deveria ter a dosagem adequada de inteligência, de técnica, de trabalho e de capacidade combativa: o Batalhão de Engenharia Divisionário. Mas não foi apenas na engenharia de combate que os mato-grossenses deram sangue, suor e lágrimas ao nosso esforço de guerra, senão também na infantaria, na artilharia, nos serviços e na cavalaria mecanizada de reconhecimento.

Haveis contribuído, assim, para a vitória da democracia contra o nazismo e, melhor que isso, para o restabelecimento do regime democrático representativo em nossa própria terra.

Foram êstes, senhores, os três momentos históricos em que Mato Grosso e Fôrças Armadas se integraram totalmente e foram uma fôrça só, que era, afinal, a própria aspiração e a vontade de todo o povo brasileiro.

Contra o totalitarismo lopista, contra o totalitarismo nazista ou contra o totalitarismo comunista, Fôrças Armadas e Mato Grosso afirmaram a vocação brasileira de viver livre e de construir, na liberdade e nas suas autenticidades, o seu grande destino.

Bem sabemos, por outro lado, da contribuição que, através das idades, Armada, Exército e Aeronáutica têm prestado ao progresso dêste Estado.

Atentai para os serviços que há mais de século a Marinha vem prestando no Rio Paraguai e para o estímulo da Base de Ladário no surgimento de vocações tecnológicas.

Atentai para o pioneirismo de nossas velhas colônias militares e destacamentos fronteiriços. Para a construção de estradas, devassando regiões inteiramente virgens. Para a luta contra o banditismo, o contrabando e o descaminho. Para o combate ao analfabetismo. Para a escola da higiene e do civismo, que tem sido a caserna, confirmando a profecia de Bilac.

Atentai, finalmente e sobretudo, para a epopéia do Correio Aéreo Nacional que, sobrepassando montanhas, florestas e caudais, acelerou de decênios o progresso desta terra.

Ê nesses episódios que o soldado é mais povo e o povo mais se orgulha de seus soldados.

Podeis vos orgulhar, também, do dever bem cumprido no coração do soldado. Do dever constitucional de manter as instituições, a lei e a ordem. podeis confiar em sua vocação democrática e na fidelidade à soberana vontade do povo.

Bem sabeis da amarga opção da Marinha, da Aeronáutica e do Exército e, em particular, da Escola da Praia Vermelha, em março de 1964, e da sua contribuição para que se realizasse o "basta!" e o "fora!", que não eram a voz isolada de um jornal, mas o clamor de uma nação inteira.

Ao relembrar êsse "fora" e êsse "basta" e aquelas "mal-aventuranças", não tivemos apenas os propósitos de confranger a memória e de situar um dos três momentos históricos da alma mato-grossense, porém o de caracterizar, precisamente, quem estava contra a lei e contra a legalidade. E de afirmar que as Fôrças Armadas, sempre muito sensíveis ao conceito de legalidade e às aspirações populares, nada fizeram que não fôsse cumprir, à risca, o seu dever constitucional.

Não importa que êsse clamor, quase unânime e uníssono ao tempo da derrubada, não se venha fazendo ouvir no tempo da reconstrução.

Sabíamos que o milagre de reunir e unir fôrças tão heterogêneas e tendências tão díspares só fôra possível diante da grande ameaça. Era, na verdade, uma nação inteira que se salvava a si mesma. E uma nação, uma nação-continente, é feita de paradoxos, de extremos e de contrastes.

Emergimos do caos sócio-econômico e político-militar, em que um jornal, interpretando a voz do povo, se permitiu bradar "basta!" e "fora!" ao Presidente da República, o mínimo que se poderia admitir era a instalação de um govêrno austero, probo e firme. Govêrno que, se servindo dos melhores economistas, se dispusesse, inflexivelmente, a enfrentar e vencer a inflação, fôssem quais fôssem os sacrifícios e os ônus da impopularidade.

Que, defendendo a nação traída e agredida, empreendesse o levantamento total dos que a agrediram e traíram, para saneá-la, fortalecê-la e resguardá-la de novas ameaças.

Restabelecesse o conceito e o crédito internacionais.

Ensejasse verdadeiras reformas democráticas, sobretudo a grande reforma da moralização de nossos costumes políticos e administrativos.

Retomasse o caminho do desenvolvimento em bases sólidas, estáveis e duradouras.

Repusesse as Fôrças Armadas na sua missão constitucional.

Reencontrasse os rumos do sindicalismo autêntico, não ideológico, apolítico, apartidário, realmente profissional.

Fôsse capaz de equacionar e solucionar o problema do depauperamento e da marginalização da região nordestina e do trabalhador do campo.

Que enfrentasse os privilégios.

Que orientasse melhor a fôrça estuante da mocidade.

E, por outro lado, pudesse congregar e unir, para a tarefa de reconstrução, os homens de tôdas as tendências e de tôdas as opiniões, não irremediavelmente comprometidos com a corrupção e a subversão. Teria de ser o govêrno da salvação nacional, da comunhão de todos os patriotas, fora e acima das paixões e dos partidos políticos.

A história haverá de fazer justiça aos esforços e lutas dos homens que compuseram o govêrno revolucionário, na consecução de todos êsses objetivos.

Às Fôrças Armadas, que atenderam e dinamizaram o clamor popular, não competem as tarefas de govêrno mas, tão-somente, as de propiciar ordem e paz para o trabalho construtivo. A política — a arte de conduzir a nação — compete aos políticos, que são os seus servidores e dela não se devem servir.

Atentas e vigilantes, elas confiam em que todos abandonem os velhos métodos da batalha pelo poder, pelo simples gôzo de exercício

do poder, e aceitem o desafio da libertação de milhões de brasileiros da doença, da miséria, da ignorância e da fome.

Nessa vigilância, podemos afirmar que a revolução não se perdeu a si mesma.

Perderam-se, a pouco e pouco, os poucos que colocaram anseios pessoais e de grupos, acima dos interesses nacionais. Os que tiveram ambições contrariadas, especialmente de natureza política e econômica.

Perderam-se os que pensavam tivesse sido feita para a salvaguarda de seus privilégios.

Perderam-se os que julgavam simples troca dos detentores do poder. Os que asseguravam que, afastado o fantasma comunista, o poder lhes viria de volta, por um determinismo político.

Perderam-se os beneficiários da inflação. Os que, mudados os corruptores, não trepidaram em servir-se da corrupção.

Perderam-se os que não são capazes de multiplicar ou mesmo de somar, mas, tão-somente de dividir. Os incapazes de compreender, de perdoar, de recuperar.

Perderam-se os que agridem e destroem a todos e a tudo o que não favoreça os seus objetivos. Os que desejavam o caminho livre para si.

Perderam-se os que, na forma da parábola da cooperação do homem para a salvação, havendo recebido a semente em terreno pedregoso, não tiveram em si mesmas raízes para suportar as adversidades. E os que, a recebendo entre espinhos e não resistindo às cobiças, sufocam a semente e querem impedi-la de dar fruto.

Perderam-se os que gritavam "basta!" e gritavam "fora!", mas beneficiavam, em suas próprias casas, o avanço do comunismo. Os que há longos anos empreendem, sabe Deus, com que designios, campanhas sistemáticas de impopularização das Forças Armadas.

Perderam-se os empresários que financiavam o Partido Comunista, ao mesmo tempo em que extorquiam o dinheiro do povo. Os que assim pensavam se salvaram na hora do incêndio e, ao se verem descobertos, tentam espalhar as chamas.

Perderam-se os que consideravam o problema social um caso de polícia. Os que não desejavam qualquer reforma, principalmente a dos costumes políticos e administrativos.

Perderam-se os realmente retrógrados e reacionários.

Perderam-se os que só têm intolerância e os que tudo toleram. Os radicais e revanchistas que acham a revolução irremediavelmente mansa e frouxa. Os ingênuos e inocentes que a acusam de inflexível e terrorista. E os inconseqüentes que, habituados a um país em que tudo era sem conseqüência, assustam-se e repelem as primeiras conseqüências.

Perderam-se os sófregos, os inconstantes e os deslembados. Os que esperavam superar sacrifícios com milagres, mas descrêem dos mila-

gres do sacrifício. Os incapazes de perseverar no caminho do bem comum. Os que perderam a memória do passado recente. Os que não têm perspectiva para comparar o sacrifício compensador dos nossos dias com o sítio das calamidades e com o salto no abismo, mergulhando na treva, não apenas a nós mesmos, mas às gerações futuras.

Não! A Revolução não se perdeu a si mesma, nem se perderá porque alguns se perderam. A Revolução continua.

Continua e continuará porque não é um episódio autônomo. É um ato de grande processo de nossa conscientização democrática. O movimento de 31 de março não foi a quartelada, nem a marcha dos "caranguejos", mas a afirmação da vontade popular.

Bem sabeis que a nossa monarquia, embora parlamentar, não se podia dizer democrática, pois o voto era pouco mais que uma farsa. A proclamação da república foi o movimento de cúpulas, a que o povo "assistiu beatificado". E a primeira república herdou da monarquia o voto de cabresto e desenvolveu o coronelismo político.

Sabeis que a revolução democrática se iniciou na década dos 20 e empolgou a nação em 30. A eternização do governo provisório resultou nas primeiras cisões, que crepitaram na revolta constitucionalista. O processo de democratização avançou, nas cinzas dessa dolorosa guerra civil, com a promulgação da progressista Constituição de 1934.

A revolução foi traída em 37, com a implantação da ditadura. O povo só suportou êsses oito longos anos de negação democrática porque adveio a guerra e o ditador era, na verdade, o grande e hábil líder popular. Bem sabeis, no entanto, como e quanto ficou dividida, a partir daí, a vida nacional, com a bipolaridade de getulista e antigetulista se sobrepondo às políticas regionais e aos programas partidários.

Bem sabeis que a revolução democrática encontrou novas fôrças com o retôrno da FEB, integrada na luta da humanidade contra a desumanidade nazista. Lembrai a sua vitória sôbre o quererismo, as eleições de 45 e a Constituição de 1946. Lembrei que coube à visão de estadista do ilustre filho desta terra o notável esforço de pacificação dos espíritos, com o governo de conciliação nacional.

Bem sabeis que, a volta do grande caudilho trouxe de retôrno a radicalização política, que redundou nos dramas de 54 e 55. Sabeis que se seguiu o governo mais democrático da história republicana, marcado, porém, pelo desenvolvimentismo inflacionário, pelo signo da aventura e da imoralidade nos negócios públicos, assim como pela retomada da expansão comunista em nosso país.

Estais lembrados de que, diante do despudor e da corrupção, do enriquecimento ilícito e da insensatez faraônica, a nação se levantou no mais belo episódio desse processo revolucionário: a revolução branca, a revolução pelo voto. E consagrou, nas urnas mais livres de nossa história, pela primeira vez, o candidato da oposição.

Bem sabeis como se desvaneceram as nossas esperanças, nos mistérios da alma humana, e como a imensa maioria da nação passou, no segundo fatal, da total euforia para a total depressão.

Depois, vieram as “mal-aventuranças”, o “basta!” e o “fora!” ...

A Revolução continua porque retoma, a pouco e pouco, o ritmo do regime democrático.

A Revolução continua porque enfrenta e não teme o desafio das urnas. Sabe que não deve ter candidatos próprios, nem favorecidos. Sabe que todo candidato é bom, desde que ame verdadeiramente a democracia. Sabe que todo candidato, que se voltou contra o regime e deseja ser eleito para atraí-lo, não tem o direito de ser candidato. A revolução continua porque confia no patriotismo e na vocação de liberdade desta nação. E porque sabe que os verdadeiros vitoriosos nas eleições serão o regime democrático representativo e o povo brasileiro.

Se a Revolução admitisse estar sendo julgada nas urnas e pretendesse ter candidatos próprios, as Forças Armadas poderiam ser deslocadas de sua missão constitucional e, aí sim, estaríamos correndo o risco da ditadura, que a índole de nossa gente de tôdas as idades e de tôdas as condições abomina e repele.

A Revolução continua porque vencerá a batalha da inflação — a cuja frente se encontra um terceiro ilustre mato-grossense e se lançará à etapa definitiva do nosso desenvolvimento. Pensai no que poderá representar para êste Estado a arremetida para o progresso quando superarmos — no lar, na empresa privada e nos negócios públicos — a nossa filosofia de vida inflacionária. Vereis às vossas riquezas minerais se transformarem em poder industrial, tecnológico e científico. Vereis vossos campos e vossos rebanhos alimentarem o Brasil e o mundo. Hoje, estamos apenas no exórdio da exploração do progresso desta terra.

Bem sabemos, porém, que há homens de boa fé que se impacientam e se inquietam, de um lado, com a lentidão ou escassez dos resultados e, de outro, com a retomada da guerra psicológica pelos mesmos agentes da subversão.

Atentai para a terrível missão que o destino reservou ao governo revolucionário — a grandiosa tarefa de ordenar o caos e havereis de compreender que a colheita já superou as possibilidades dêsse quatorze meses.

E, nos vossos instantes de perplexidade, não vos deixeis servir de veículos da propaganda negativa ou anti-revolucionária, e compreendei que essa propaganda é a afirmação da liberdade e do funcionamento do regime.

Estamos solidários convosco nas apreensões quando vemos, porém, o governo revolucionário despreocupar-se de bem informar o povo e quando com horror à demagogia e à mistificação, chega ao extremo oposto de parecer propositadamente impopular. É que nos lembramos

de WALL WHITMANN: "Todo aquêlê que anda duzentos metros sem simpatia acompanha os seus próprios funerais revestido de sua mortalha". A Revolução veio do povo, dêle não se pode distanciar, nem prescindir de sua simpatia.

Com a simpatia é o apoio do povo brasileiro, e o trabalho austero e árduo, honesto e honrado dos homens dêste govêrno revolucionário, haveremos de superar a adversidade e de, finalmente, encontrar o nosso próprio caminho.

E, na eternidade, o poeta SCHMIDT' ouvirá a réplica de uma nação inteira:

Bem-aventurados os lúcidos, porque possuem a realidade e divisam o caminho.

Bem-aventurados os que nos devolvem a paz e a ordem, porque assistirão aos frutos do trabalho construtivo e verão o progresso se alastrando em tôda parte.

Bem-aventurados os que amam a justiça e estabelecerão o império da lei e do direito, que é a verdadeira democracia.

Bem-aventurados os que amam e servem à Pátria, porque construirão a sua grandeza e merecerão o reconhecimento de seu povo.



FOI TRANSFERIDO? Mantenha-nos informado de seu nôvo enderêço, para evitar atrasos no recebimento de sua Revista.